

A FINALIDADE DA EDUCAÇÃO EM JOHN DEWEY

Maria Catarina Ananias de Araújo ¹

RESUMO

O presente artigo tem como objeto de análise a reflexão filosófica acerca da educação do pensador norte-americano John Dewey(1859-1952). O que ele pensa sobre a educação na contemporaneidade, quais os seus problemas e principalmente a sua finalidade. Dewey teve a preocupação, ao longo de sua obra de relacionar o processo educativo à vida do indivíduo, demonstrando sua crítica ao modelo vigente de educação. A característica mais importante do discurso filosófico deweyano é que o aprendizado está associado a vida presente dos indivíduos, é um acontecimento que se dá no próprio movimento da vida, que está em constante transformação. Aprender, nesse contexto, significa superar as dificuldades com as quais nos deparamos e por esse motivo a educação deve ser sempre um ato de criatividade e reconstrução e nunca de repetição e fadiga.

Palavras-chave: Educação, Finalidade, Dewey.

INTRODUÇÃO

Para Dewey, o aprender não pode ser dissociado da vida, porque ele expressa a própria vida em progresso, e o estudo é o meio de encontrar uma solução para uma dificuldade percebida, dificuldade que depois de superada alarga o conhecimento da criança tornando-a mais capaz e independente.

A aprendizagem deve ser uma atividade criadora que visa a superação de um problema dentro de uma determinada situação pela criança sob o estímulo e orientação do professor. Aprender é, portanto, colocar a situação a prova, reconstruir a experiência e através dela promover o desenvolvimento físico e intelectual.

Sendo assim, o que ocorre no modelo de educação vigente que motiva a crítica Dewey? Ocorre, segundo ele, que a educação está dissociada de sua finalidade porque na sua concepção o atual sistema de ensino não prioriza a resolução das dificuldades

¹Mestra em Filosofia pela da Universidade Federal de Campina Grande-UFCG,mariacatarinaan@gmail.com

percebidas pela criança. É um modelo baseado na imitação do adulto ou experiência da espécie tirando a naturalidade do processo de aprender, privando a criança de sua espontaneidade.

A consequência desse modelo é desastrosa, porque promove um saber duvidoso, livresco e isolado da vida. Mais Dewey, não se limita apenas a criticar o modelo educacional vigente, ele também propõe uma solução para os problemas que é a aplicação de um novo currículo mais condizente com à vida e valorização dos indivíduos. Nessa perspectiva, esse artigo versa sobre as seguintes questões:

- Os elementos que compõem o processo educativo.
- A nova e a velha escola.
- A crítica ao ensino vigente.

Estudar as questões que envolvem a educação sob o prisma deweyano é de suma importância para compreendermos os problemas estruturais que o ensino enfrenta e também repensarmos nossa prática docente na tentativa de construir um ensino mais próximo da vida real dos nossos alunos.

METODOLOGIA

Esse artigo tem como base metodológica a exploração e descrição, com vistas a pesquisa bibliográfica onde o intuito é tornar a temática em discussão mais familiar à comunidade acadêmica (GIL, 2017). O levantamento bibliográfico nos possibilita construir o conhecimento a partir de produções anteriores, fato que permite comparar dados e apreender novos sentidos sobre a teoria ou objeto pesquisado. Essa tipo de pesquisa é fundamental porque beneficia diretamente a elaboração e renovação do conhecimento nas diversas áreas.

REFERENCIAL TEÓRICO

São dois os elementos que compõem o processo educativo: A criança e o adulto. A criança é um ser imaturo e o adulto que traz consigo certos fins, ideias e valores sociais,

produtos de sua experiência amadurecida. O processo educacional se dá através da interação entre os dois lados.

O sucesso do processo educativo vai depender da boa interação entre ambos, tornando a aprendizagem fácil, livre e completa. A boa interação é, portanto, a essência da teoria educativa. A dificuldade que ocorre no atual sistema de ensino é que a mesma costuma ser analisada sob aspectos isolados e não sob a realidade que a engloba.

A criança nesse contexto é tomada por um elemento qualquer de sua natureza, o mesmo acontece com o adulto e daí identifica-se o problema da educação. Não se trata disso, a relação criança e adultos envolve outros aspectos que correspondem ao todo. Esse é o problema da prática educativa ela só é percebida e analisada por partes isoladas.

O processo de educação visto de forma esfacelada passa a ser organizado segundo pontos contraditórios. Cria-se assim, uma oposição entre a criança enquanto ponto fundamental da aprendizagem e os programas que norteiam esta última.

A criança encontra-se inserida num mundo onde tudo se resume ao contato pessoal. Isso significa dizer que a mesma só tende a se interessar por aquilo que diretamente lhe proporcione bem-estar. Conforme Dewey:

O seu mundo é um mundo de pessoas e interesses pessoais, não um sistema de fatos ou leis. Tudo é afeição e simpatia, não havendo lugar para a verdade, no sentido de conformidade com o fato externo. (DEWEY, 1985, p. 138).

O programa escolar ignora esse fato, estendendo-se no tempo e no espaço, tirando a criança do meio que ela vive e a colocando num meio muito maior e diversos ao qual ela tem dificuldade de se adaptar devido a sua pouca vivência.

Outro aspecto a ser considerado é a vida única e integral que a criança leva se ela começa passar de momento para momento, de um lugar para outro, a conhecer vários objetos de uma só vez não terá consciência que está quebrando a transição. Ela não isolamento, nem distinção consciente.

A unidade de interesses pessoais e sociais que dirigem sua vida mantêm coesas todas as coisas que a ocupam. Para ela aquilo que prende seu espírito constitui, no momento, todo o universo, que é

assim fluido e fugidio, desfazendo e refazendo-se com espantosa rapidez. (DEWEY, 1985, p. 138).

O mundo infantil se resume, portanto, na unidade e integralidade da vida da criança. O que acontece quando ela chega ao mundo escolar? Ela depara-se com um conjunto de estudos divididos e fracionados que faz o mesmo com seu mundo. Matemática, gramática, história... Cada disciplina uma visão diferente e ainda classificada pela escola.

A criança é incapaz de compreender as divisões e classificações, jamais as coisas chegarão ao seu espírito de tal maneira, ela ainda está ligada aos laços de afeição e de sua própria experiência. Esse problema ocorre porque a mentalidade adulta não percebe que antes de tornar-se um conteúdo em departamento do conhecimento humano e preciso analisá-lo, ordená-lo antes de adotá-lo.

Tudo isso supõe um interesse intelectual desenvolvido e especializado. Envolve capacidade de analisar os fatos imparcial e objetivamente, isto é, sem referência ao seu lugar e sentido, em nossa própria experiência. Exige capacidade de síntese. Significa, enfim, hábitos intelectuais amadurecidos, e a posse de uma técnica especializada de investigação científica. (DEWEY, 1985, p. 139).

Os organizadores do atual currículo, segundo Dewey, não têm essa noção e habilidade, classificando os estudos de forma que eles não abrangem a experiência infantil. A diferença entre criança e currículo é tamanha que fica impossível para a escola promover uma educação adequada ao educando.

A escola se mantém imparcial e impessoal, não levando em conta que o mundo infantil é bem menor e mais restrito do que se pensa, fixando suas atenções para as matérias e o programa. Esse é o papel distorcido que a escola exerce.

Matéria, ou disciplina de estudo, é o fim da instrução, o que determina o método. A criança é simplesmente o indivíduo cujo amadurecimento a escola vai realizar; cuja superficialidade vai ser aprofundada, e cuja estreita experiência vai ser alargada. O papel do aluno é receber e aceitar. Ele o cumprirá bem, quando for dócil e submisso. (DEWEY, 1985, p. 140).

O sistema de ensino ignora o educando como o meio, centro e fim do processo educativo e que seu desenvolvimento e crescimento tanto físico como intelectual é a prioridade. Não vai adiantar nada para ele apenas o acúmulo de conteúdo. Se estes não condizem com a realidade do aluno.

A educação não pode se restringir somente a transmissão de conteúdos desconexos com vistas ao acúmulo de conhecimentos. É imprescindível promover o desenvolvimento das capacidades individuais das crianças. Pois, somente assim ela poderá enxergar o mundo e sua realidade com mais amplitude.

O educando precisa ser trabalhado com a finalidade de enriquecimento e progressão espiritual é a matéria do estudo deve servir de alimento nesse progresso. Enfatizar a matéria deixando de lado as particularidades e interesses dele é cometer um ato de violência contra desenvolvimento.

A oposição entre a criança e o programa de ensino é característica marcante da educação evidenciando a necessidade de um consenso entre as partes envolvidas para que ocorra de fato uma interação verdadeiramente positiva no progresso educativo.

O que é necessário para que se resolva esse problema? Primeiro é preciso romper com a ideia de distinção qualitativa entre a experiência infantil e as matérias do currículo escolar. Em segundo lugar basta interromper o maduro desenvolvimento das forças que regulam a vida da criança. Em suma, basta encontrar o meio termo entre a experiência infantil e a experiência amadurecida do adulto.

Precisamos também abandonar a noção de matéria como algo fixo, integral e alheio à realidade da criança, evitando pensar nessa realidade como se ela fosse estática e acabada. Se passarmos a ver a experiência da criança a partir de seu caráter móvel vivo e mutável vamos entender que criança e programa são apenas dois limites extremos do processo educativo e não como antagonistas.

Do mesmo modo que dois pontos definem uma linha reta assim o estado presente da criança e os fatos e verdades dos estudos definem o ensino. Trata-se de obter uma reconstrução contínua, que parta da experiência infantil, a cada momento, para a experiência representada pelos organizados de verdades, a que chamamos “Matérias de Estudo”. (DEWEY, 1985, p. 141).

Dessa maneira, as várias matérias do currículo escolar como: Matemática, Geografia, Botânica etc. serão simplesmente experiências. Encarnando os resultados acumulados pela humanidade com seu esforço, luta e êxito. Onde o maior objetivo é colocar a criança em contato com os conteúdos de forma bem organizadora e sistemática. A intenção é mostrar as matérias como algo racionalmente formulado e não como uma acumulação de conhecimentos confusa e desconexas como atualmente se apresentam. Assim, segundo Dewey, a desconformidade na relação aluno e matérias seria superada e como consequência a aprendizagem seria eficiente.

Uma vez detectado o problema da relação criança e programa de estudos a vantagem de resolvê-lo nos apresenta dois termos: qual o interesse ou utilidade existente. Do ponto de vista educacional, em perceber inicialmente a finalidade a qual queremos chegar? Será útil para nós, no problema dos primeiros anos da atividade infantil, antecipar as fases finais?

Os estudos representam na concepção de Dewey as possibilidades de desenvolvimento existentes no interior da experiência imperfeita da criança. Contudo, não são partes de sua vida imediata como então, entendê-los e considerá-los? Para Dewey a solução é antever o processo para então ter uma noção de como a experiência está discorrendo.

Tais perguntas respondem-se por si mesmas. Antever o resultado é saber em que direção a experiência presente, se ela é sã e normal, está-se movendo. O ponto remoto e distante torna-se imediatamente de enorme importância para nós, no momento em que vemos que ele nos define a direção da marcha, tornando-se, assim, o método e a orientação de nossa atividade. A experiência sistematizadora e lógica do adulto servem-nos para interpretar, guiar e dirigir a vida infantil, tal qual se processa no momento. (DEWEY, 1985, p. 142).

O processo educativo passa pela experiência do adulto e pela experiência da criança e seu sucesso só será garantido se houver um profundo envolvimento por parte do professor para orientar a criança, bem como, a organização adequada do currículo para que os conhecimentos cheguem a ela de forma palpável.

Para Dewey o fracasso do antigo modelo educacional está na sua ideia fixa de comparar a experiência madura do adulto com a experiência da criança, é evidente que são duas dimensões diferentes e que por isso não podem ser comparadas já o novo modelo educacional em consideração as forças e interesses momentâneos da criança como coisas já prontas e definidas. Eis aí o equívoco dos dois modelos da educação.

Em verdade, tudo o que a criança sabe ou faz é móvel, fluido e transitório, mudando de dia para dia e de hora para hora. Seria desastroso que o estudo da criança viesse a dar uma impressão de que, a cada idade, a infância fosse dotada de certo número de intenções e interesses que deveriam ser cultivados exatamente como existem. (DEWEY, 1985, p. 143).

A verdade é que os interesses infantis são atitudes em relação às experiências possíveis; não são coisas completas e acabadas, sendo medidas pelo impulso que provocam e não pelo resultado obtido. Não é possível exprimir ou definir qualquer capacidade da criança pela sua consciência presente, pois isso implicaria no erro como já foi de tratar a natureza da criança como algo já formado.

Apelar para o presente interesse da criança simplesmente como presente, significa somente excitá-lo; significa brincar com uma força infantil, trazê-la em constante vibração, sem nunca orientá-la e dirigir para fins próprios. (DEWEY, 1985, p. 144).

A antiga educação insiste na comparação entre as duas experiências (Adulto/Criança), com a tendência de ignorar o dinamismo característico a força exterior da experiência infantil. A nova educação por sua vez, toma a ideia do desenvolvimento de forma vazia e formal, fazendo com que a criança só desenvolva um ou outro fato de seu próprio espírito.

As consequências desses problemas é que a educação organizada pelas matérias de ensino passa a ser ministrada para as crianças de forma desconexas, alheios a realidade e estereotipado resultando em uma aprendizagem ao mero repasse e memorização, provocando no aluno o desinteresse e desmotivação. O ensino é visto como uma coisa estática e sem sentido onde o único objetivo é cumprir um programa determinado. Como define o próprio Dewey:

A origem de tudo que é morto, mecânico, formal em nossas escolas, esta precisamente aí: na subordinação da vida e da experiência da criança ao programa. É por isso que estudo tornou-se sinônimo de fadiga, e lição, sinônimo de tarefa. (DEWEY, 1985, p. 140).

A passagem acima ilustra bem a crítica de Dewey a escola, a concepção de matéria e ensino. A falta de dinamismo e a subordinação do aluno ao conteúdo

transformam o ambiente escolar em algo hostil para o desenvolvimento intelectual, cultural e humano dos indivíduos, onde estes comparecem por obrigação e não pelo desejo de aprender.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para Cunha (2002) Dewey conceitua a educação como um ato de viver tanto no plano individual quanto no plano social e a escola é o espaço onde os conhecimentos necessários para essa vivência são transmitidos. Por essa razão o pensador norte-americano se preocupa com a essência do processo educacional e realiza uma contundente crítica a educação vigente, por perceber seu caráter reducionista e acrítico.

Considera, que a educação deve ter uma proposta dinâmica, crítica e esclarecedora da realidade onde seu processo acontece, para que ela seja efetiva na construção da autonomia e criticidade dos indivíduos para que se realize sua proposta humanizada, democrática e progressista.

Os questionamentos presentes na filosofia de Dewey pode ser um importante instrumento de reflexão e transformação para inúmeros educadores nas escolas brasileiras, para que possamos, compreender as limitações da educação atual e com isso potencializar novas práticas de ensino.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Contradição entre os modelos de ensino, unido a um programa geralmente desconexo com os interesses e realidade das crianças são fatores decisivos para o fracasso da escola vigente cuja finalidade se limita a transmissão de conteúdos prontos que se tornam inúteis e desagradáveis.

A educação deve ser um processo coordenado para o desenvolvimento de atividades diversificadas e enriquecedoras do espírito da criança, seu objetivo é fazer da mesma a partir do desenvolvimento de sua capacidade física e mental um adulto ativo e consciente e sua existência e importância na sociedade.

É nesse sentido que Dewey afirma que a finalidade da educação é a vida porque através dela (ministrada de forma sã), é possível alargar a experiência humana, ampliar os horizontes e progredir continuamente. Educação não é para a vida, ela é a própria vida em constante transformação.

REFERÊNCIAS

CUNHA, Marcus Vinicius da. **John Dewey: uma filosofia para educadores em sala de aula**. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

DEWEY, John. **Vida e educação**. São Paulo, Abril Cultural, 1985. (Os Pensadores).

GIL, A. C. **Como elaborar um projeto de pesquisa** (6ª ed.). São Paulo: Atlas, 2017.

SCHILLING, Voltaire. **Dewey na busca da certeza**. Cultura e pensamento. <http://educaterra.terra.com.br/voltaire/cultura>. Acesso em 08/06/2021 às 18:22.